



Só o Amor Consegue

O amor incondicional
é a maior força do Universo

ZIBIA GASPARETTO

Mais de 15 milhões de livros vendidos

ROMANCE
DITADO POR LUCIUS

nascente

Capítulo 1



A porta bateu com força. Margarida olhou assustada e nervosa. Sempre que a D.^a Dora fazia aquilo, ela ficava trêmula, sentia arrepios e uma vontade imensa de sair dali e não voltar nunca mais.

O pai de Margarida morrera num desastre de carro quando ela tinha 6 anos, deixando-a sozinha no mundo. A mãe morrera antes, quando ela ainda era muito menor, e o pai criara-a com muito carinho até então.

Mário, pai de Margarida, trabalhava no departamento de vendas de uma grande empresa, vivia com conforto. Uma bela casa, uma empregada, além de Maria, uma rapariga alegre e bem-disposta, que cuidava de Margarida enquanto ele ia trabalhar.

Embora aparentasse disposição no trabalho, desempenhando as suas tarefas com sucesso, Mário não gostava de vida social. Não recebia amigos nem saía para estar com eles. Preferia ficar em casa com a filha, contando histórias, lendo livros, e, apesar de ter televisão, quase não a ligava. Isto provocava comentários da empregada, Jandira, que não se conformava com a vida simples que ele levava e comentava:

— Um homem jovem, elegante, bonito, com dinheiro! Porque não sai para se divertir? Se fosse ele, não ficaria uma noite em casa!

Ao que Maria respondia, séria:

— O Dr. Mário é um homem ajuizado, não tem uma cabeça como a sua!

— Trabalhas com ele há mais tempo do que eu. Conheceste a mulher dele?

— Não. Vim para cá pouco depois de ela morrer.

— Que pena! Gostava de saber como ela era. Nunca vi uma fotografia dela. E tu?

— Não. E acho melhor não te meteres na vida do patrão. Ele é discreto e não vai gostar.

— Se calhar ele não gostava dela. Não guardou nem uma foto!

— Ou gostava tanto que fez isso para poder esquecer e sofrer menos.

Quando a notícia do acidente chegou, elas choraram muito pela morte de um homem tão bom, que as tratava com respeito, pela orfanidade de Margarida e pela perda do emprego. Ficaram inconsoláveis.

Maria afeiçãoara-se a Margarida e lamentou não ter como adotá-la. Era solteira e pobre. Depois do enterro, como Margarida não tinha parentes e a casa em que morava era arrendada, o juiz mandou vender o carro e todos os bens móveis e depositar o dinheiro numa conta em seu nome, onde ficaria guardado até que ela chegasse à maioridade, e Margarida foi enviada para um orfanato numa cidade do interior. Ali ela foi adotada por uma mulher casada com um político influente, Dora Salgado da Rocha, que acabara de dar à luz uma menina.

Entrevistada pela assistente social sobre as condições da adoção, Dora afirmara que estava a cumprir uma promessa que fizera a Nossa Senhora do Bom Parto, uma vez que a sua gravidez, um tanto tardia — estava com 40 anos — fora de alto risco. Se tudo corresse bem, ela adotaria uma menina.

Escolheu Margarida, o que não foi difícil de conseguir, uma vez que os casais que desejam adotar preferem bebês, e ela estava ali desde os 6 anos e nunca fora escolhida.

Margarida já estava com 12 anos quando foi para a casa de Dora. A sua cama foi posta no quarto de Luísa, a recém-nascida. A partir daí ela passou a ser a ama da criança. Não lhe faltavam comida, boas roupas, frequentava uma boa escola e sentava-se à mesa com o casal.

Aprendera boas maneiras e também descobrira que Dora era nervosa, exigente, principalmente quando recebiam convidados em casa.

Gostava de apresentá-la como a filha mais velha, contava a história da sua adoção e colhia os elogios das pessoas, por não ter tido medo de escolher uma menina já crescida, criada sem a orientação dos pais.

Margarida era uma menina alegre, cheia de vida, mas, depois da morte do pai, ficou mais retraída. Os primeiros tempos no orfanato foram difíceis. Sentia falta do carinho do pai. No começo, Maria ia vê-la de vez em quando, levava-lhe rebuçados, abraçava-a com carinho, mas aos poucos foi reduzindo as visitas até que nunca mais apareceu.

Soube que Maria se tinha casado e ido morar muito longe. No dia em que Dora iria buscá-la, a assistente social foi conversar com ela:

— Foste adotada por uma família muito boa e precisas de te portar muito bem. Sê educada e obedece aos teus novos pais. Tens de saber ser grata por eles te terem escolhido. Não tens ninguém neste mundo. Se eles não gostarem de ti, poderão trazer-te de volta, e, nesse caso, terás de ficar aqui até os 18 anos. Já ninguém vai querer adotar-te.

Margarida sentiu um aperto no peito, uma grande tristeza, mas procurou fazer o que lhe pediam. Cuidava de Luísa com carinho e suportava as exigências de Dora.

Já o deputado, Fernando Duarte da Rocha, marido de Dora, não parava muito em casa. Vivia a viajar durante a semana e muitos fins de semana não ia a casa.

Mal olhava para Margarida e só lhe dirigia a palavra para pedir alguma coisa ou recomendar algo para a filha. Mas ela preferia assim, uma vez que, quando ele estava em casa, Dora ficava mais exigente, mais nervosa, e não raro fechava-se no escritório com ele e podia ouvir-se a sua voz alterada, nervosa, o que sempre deixava Margarida aflita.

Foi até à cozinha verificar se tudo estava em ordem. Quando Dora ficava nervosa, ela fazia tudo para não ser chamada à atenção. Mas quase sempre não conseguia evitar uma frase ríspida, uma crítica:

— Margarida! Como sempre, és molenga e vives distraída. Onde está aquela camisa verde que te pedi para dares à Janete para passar?

Já passou imenso tempo, e ela ainda não ma trouxe. Preciso de sair, tenho hora marcada. Não me posso atrasar.

— Vou ver se já está. Levei-lhe a camisa assim que me pediu.

A voz dela estava trémula, o que irritou Dora ainda mais:

— O que tens tu, criatura, que ficas a tremer por qualquer coisa? Até pareces doente! Estás à espera do quê?

Margarida sentia vontade de gritar, de não ir, de sair a correr e partir para bem longe. Surgiram lágrimas, e ela saiu rapidamente para que Dora não notasse.



Dora foi para o quarto tentando conter a irritação. A sua vida estava insuportável. Fernando parecia-lhe cada vez mais indiferente, e a suspeita de que ele tivesse uma amante aumentava.

Só podia ser isso. Estava casada havia 12 anos, e a sua paixão por ele continuava tão forte como no primeiro dia. Entretanto, ele já não era o mesmo. Permanecia em Brasília mais tempo do que o necessário e, quando ela se queixava, garantia que estava empenhado num projeto que deixaria o seu nome na história do país.

Alegava estar a correr contra o tempo e precisava de o apresentar antes do fim da legislatura, que lhe conferia o prazo de três anos. Ele estava no segundo mandato, mas as coisas não estavam fáceis dentro do partido.

Dora não se interessava por política. Adorava ser esposa de um deputado, pelas mordomias que tinha na sociedade, pela deferência com que era recebida em todos os sítios.

Nunca se interessou pelos problemas do país e odiava quando tinha de acompanhar o marido nalguma solenidade e depois ele ficava horas a conversar com amigos, sempre alardeando os seus projetos.

Dora odiava pobreza e julgava-se privilegiada por se ter casado com ele. Quando o conheceu, ele era um advogado recém-formado, alto, elegante, muito educado. Não o achava bonito, mas reconhecia que Fernando tinha carisma.

Aonde quer que ele fosse, ela notava que as mulheres logo se interessavam, fixando-o e fazendo tudo para lhe despertar a atenção.

Ela sabia que era bonita. Morena, olhos castanhos quase negros, cabelo escuro, pele clara e rosada, alta, elegante, chamava a atenção masculina em todo o lado.

Filha única de uma família da classe média, os seus pais não poupavam esforços para lhe dar tudo do bom e do melhor. Apesar de não gostar de estudar, por insistência dos pais, que a fizeram persistir mesmo tendo chumbado dois anos, conseguiu formar-se.

Dora achava que estudar era pura perda de tempo, uma vez que pretendia encontrar o amor da sua vida e casar-se. Não estava nos seus planos trabalhar, como a maioria das suas colegas desejava.

Quando as via sofrer para passar de ano, costumava dizer:

— Estudar é uma perda de tempo. Vou-me casar com um homem rico e nunca precisarei de trabalhar.

Quando conheceu Fernando, ele não era rico, apesar de a sua família pertencer à classe média alta. Os bens pertenciam aos pais, e o seu sogro sempre dizia que, se o filho quisesse ter dinheiro e posição, teria de conquistar tal qual ele mesmo fizera a vida inteira. Ele dera-lhe um diploma de advogado, mas não iria abrir um escritório para ele começar a carreira. Achava melhor, para adquirir experiência, Fernando trabalhar com pessoas experientes.

Quando estava noiva de Fernando, esse assunto sempre provocava a desaprovação dos pais dela. Eles não entendiam como um pai, tendo posses, agia assim. Ruben achava que o pai tinha obrigação de dar ao filho tudo o que pudesse para facilitar o seu desempenho. Alda comentava que a mãe de Fernando deveria impor-se mais e exigir que ele fizesse tudo para facilitar a carreira do filho.

Mesmo antes do casamento, Fernando dizia querer ter um filho homem, que seria o seu braço-direito na política. O tempo foi passando, e Dora não engravidava. Os médicos não encontravam nada que o impedisse. Ambos eram férteis e saudáveis.

Certa vez, uma amiga sugeriu que ela adotasse uma criança:

— Já vi alguns casos assim. Antes de nascer, podes ter assumido um compromisso de adotar uma criança e, enquanto não fizeres isso, não vais engravidar.

— Eu não acredito nisso.

— O facto de não acreditares não invalida a hipótese. Lembras-te do caso da nossa colega Maria Estela? Ela não conseguia ter filhos, alguém lhe aventou essa hipótese, e ela resolveu tentar. Adotou o Ricardinho e um ano depois ficou grávida e teve o José Luís.

— Foi por isso que ela adotou o Ricardinho?

— Foi. Ela foi a uma vidente que lhe garantiu que, enquanto ela não cumprisse essa promessa que fez no plano astral, não teria filhos.

Dora ficou pensativa. Mesmo sem acreditar, foi a uma igreja, ajoelhou-se diante do altar e prometeu que adotaria uma criança, mas só se engravidasse. Um ano depois, ficou grávida.

Tinha-se esquecido da promessa, mas Júlia, que lhe dera esse conselho e a acompanhara até à igreja para fazer a promessa, fez questão de a lembrar, afirmando que estava na hora de ela cumprir o que havia prometido para não correr o risco de perder o bebé.

— Eu prometi e vou cumprir, mas vou esperar que o meu filho nasça.

— Seria melhor agora. Como vais cuidar de duas crianças?

— Não vou adotar um bebé. A assistente social disse-me que pode ser uma menina mais velha. Assim não terei trabalho. Ela pode ajudar-me a criar o meu filho.

A notícia da sua gravidez foi comemorada por toda a família. Fernando escolheu o nome do menino com entusiasmo e negava-se a admitir que poderia ser uma menina.

Apesar de preocupada com a euforia dele, Dora procurou dissimular. Deu à luz uma menina e teve de suportar a decepção do marido. Mas tentou consolá-lo.

— Ela veio primeiro, mas poderemos tentar de novo. Havemos de ter um menino.

Todavia, o que ela esperava não aconteceu. Os médicos disseram-lhe que seria difícil e que ela deveria contentar-se com a menina.

Adotou Margarida assim que a filha nasceu. Luísa era uma criança linda e saudável. Margarida começou a amá-la assim que a viu. Era ela quem lhe dava banho, trocava de roupa, alimentava, uma vez que o leite de Dora era escasso, e desde os primeiros dias foi preciso dar-lhe biberão.

A menina afeiçoara-se muito a Margarida, que fazia de tudo para que ela ficasse bem. As duas tornaram-se inseparáveis.

Sabendo que o tão esperado filho homem não viria, Fernando envolvia-se cada vez mais com a política. Dora sentia que estava a perder o marido. Insatisfeita, fazia o que podia para o manter em casa e queixava-se das suas constantes ausências. A pressão constante que ela exercia entediava-o, fazendo com que ele se sentisse mais à vontade longe de casa.

Quando em casa, Fernando procurava compensar Dora, dando-lhe mais dinheiro do que o necessário. Isto fazia-o sentir-se um bom marido. Quanto a Luísa, via-a sempre ao colo de Margarida. Nunca brincara com a filha nem a tomara ao colo. Era com a filha adotiva que conversava e se informava se Luísa estava bem.

Ao vê-lo, a menina ficava tímida, esquiva, e Margarida procurava aproximá-los, inutilmente.

Algumas vezes, nesses encontros, depois de Fernando se afastar, Margarida conversava com Luísa:

— Precisas de conversar mais com o teu pai. Ele gosta muito de ti.

— Eu não gosto dele.

— Porquê? Tudo o que nós temos nesta casa foi ele quem deu. Ele está sempre a trabalhar para nos sustentar.

— Quando ele está em casa, a mamã zanga-se muito contigo. Não gosto.

Margarida abraçava-a, beijava a sua face rosada e procurava convencê-la de que os pais a amavam muito e seria muito bom se ela o reconhecesse.

Margarida foi até à cozinha perguntar a Janete:

— Onde está a camisa da D.^a Dora que te dei para passar?

— Pus no guarda-vestidos dela.

Margarida foi ao quarto de Dora, ia bater, mas ouviu vozes alteradas. Ela discutia com o marido:

— Não tens desculpa. Não vais embora hoje. Temos o aniversário de 15 anos da filha do Dr. Nobre amanhã. Já me preparei, comprei roupa.

— Sou um homem ocupado. Tenho compromissos sérios, não posso adiá-los para ir a um baile de debutante.

— A mãe dela é muito amiga da minha família. É também um compromisso muito sério.

— Não posso ficar. Vai tu, em representação da família.

— Sozinha? Nem pensar. Ainda não estou viúva.

— Leva a Margarida. Ela vai gostar.

— E deixar a Luísa sozinha em casa?

— Faz como quiseres. Eu não posso ficar. Lamento. Agora tenho de ir. Volto dentro de uma semana.

— Já não gostas de mim. Ages como se eu não existisse. Já não suporto viver assim. Não me valorizas como antes.

— Por favor, Dora, poupa-me! Já não és aquela criança mimada, és uma mulher. Mantém a compostura. Odeio cenas. Precisas de crescer. Tenho de ir. Até ao meu regresso.

Margarida afastou-se, nervosa, entrou no quarto ao lado, ouviu quando ele saiu batendo a porta com estrondo e ficou sem saber o que fazer.

Se ela fosse ao quarto, certamente surpreenderia Dora a chorar, aflita. Nervosa, zangar-se-ia com ela, como sempre fazia. Seria melhor esperar um pouco mais.



Depois de ouvir o carro de Fernando sair, Dora enxugou as lágrimas, que teimavam em brotar dos seus olhos, e sentou-se irritada. Ela precisava de fazer alguma coisa. Não podia ficar à espera da ruína do seu casamento.

Agarrou no telefone e ligou para a sua amiga Júlia. Depois dos cumprimentos, ela desabafou:

— Estou muito nervosa. Preciso de ajuda.

— Aconteceu alguma coisa?

— O de sempre. O Fernando foi-se embora e vai ficar fora uma semana. Sinto que todos os dias ele se distancia mais de mim.

— Não penses assim. Ele vai trabalhar.

— Antes ele não ficava tanto tempo ausente. Sinto que ele já não gosta de mim como antes. Preciso de fazer alguma coisa.

— Não exageres nem faças pressão. Os homens odeiam ser pressionados. Além disso, ele ocupa um cargo de responsabilidade, precisas de perceber.

— E eu, onde fico? Terei de me conformar em ser posta em segundo plano na vida dele? Para mim a família está em primeiro lugar. Tu podes ajudar-me.

— Esse é um assunto entre ti e ele. O que pensas que posso fazer?

— Estou desconfiada de que o Fernando tem uma amante. Quero o endereço daquela cartomante que conheces.

— Se estás desconfiada de que o Fernando tem outra, porque não conversas com ele, abres o teu coração?

— E achas que ele me vai dizer a verdade? Sempre que me queixo, ele fica irritado. Quero consultar essa cartomante, ver o que ela diz. Disseste-me que ela é ótima, acerta em tudo.

Júlia hesitou um pouco, depois respondeu:

— Estás a falar da Márcia? Ela trabalha com as cartas do *tarot*. É muito boa, mas não sei se ela vai dizer o que tu queres.

— Porquê? Se ela diz a verdade, é tudo quanto eu preciso.

— É que ela trabalha mais na parte espiritual, cuida do equilíbrio emocional das pessoas.

— Pois é isso mesmo que eu quero. Estou a precisar de equilibrar a minha vida.

Júlia deu o número do telefone e perguntou:

— Queres que te acompanhe?

- Não há necessidade. Quero ir hoje mesmo.
- Precisas de ligar e ver se ela tem vagas. É muito procurada.
- Vou ligar agora mesmo. Obrigada.

Dora ligou imediatamente, mas a secretária informou que só tinha vaga para dali a 15 dias. Inconformada, Dora fez o que pôde para a convencer a atendê-la. Disse que estava desesperada, era um caso muito urgente, e não podia esperar.

O máximo que conseguiu foi a promessa de que, se houvesse alguma desistência, ela seria avisada.

Dora não se conformou. Não estava habituada a ver um pedido seu recusado. Ligou outra vez a Júlia para lhe pedir que intercedesse e tanto fez que conseguiu que Márcia a atendesse fora do horário do costume, na noite seguinte. Júlia iria acompanhá-la.

Naquela noite, Dora teve dificuldades em adormecer. Durante o pouco que dormiu teve pesadelos, nos quais via Fernando abraçado a outra mulher, cujo rosto ela não conseguia ver. Ele ria-se, feliz, enquanto ela o observava aos beijos com a desconhecida.

Pela manhã, mal-humorada, olhando-se ao espelho, notou fundas olheiras e não gostou. Estava feia; talvez por isso Fernando a trocasse por outra.

Para ela, o dia estava a ser longo, as horas não passavam. Notando o ar preocupado de Dora, Margarida procurava não ficar onde ela estava e evitar que Luísa, com a sua tagarelice e alegria, a incomodasse.

É que Margarida sabia que, nesses momentos, até as brincadeiras da filha, o seu riso constante, a irritavam.

Dora contava os minutos para o momento de estar frente a frente com Márcia e as suas cartas de tarot. Parecia-lhe que toda a sua vida dependia do que ela lhe dissesse.

Capítulo 2



Cinco minutos antes das 8 horas, Dora, em companhia de Júlia, tocou à campainha da casa de Márcia.

Foram atendidas por ela, que as abraçou com carinho, convidando-as a entrar:

— Desculpe fazê-la trabalhar até tão tarde — disse Júlia. — Obrigada por nos ter atendido.

— Disse-me que era urgente.

— A Dora é minha amiga de infância, tem estado muito nervosa e insistiu para que eu intercedesse.

Márcia olhou fixamente para o rosto de Dora e respondeu:

— Vamos conversar. Mas sente-se, Júlia. Há algumas revistas na mesa. Venha comigo, Dora.

Com o coração a bater descompassado e a boca seca, Dora acompanhou Márcia até à sala ao lado. Olhou em volta surpreendida. Não era bem o que ela esperava. Uma sala bonita, mas simples, bem arrumada, um lindo quadro com rosas na parede. Sobre a mesa, um castiçal com uma vela branca. Ela tinha imaginado algo mais místico e misterioso.

— Sente-se — pediu Márcia com voz firme. Vendo-a acomodada na poltrona em frente à mesa, sentou-se por sua vez. Acendeu a vela e um incenso, colocando-o no incensário. Um perfume agradável encheu o ar enquanto ela apanhava o maço de cartas e o baralhava.

Ficou alguns segundos de olhos fechados, depois abriu-os, fixando os olhos de Dora, que, nervosa, esperava.

— Não tenha medo — pronunciou com voz calma. — Está tudo bem.

Dora meneou a cabeça negativamente:

— Não está nada bem. A minha vida está cada vez pior.

— Corte com a mão esquerda — instruiu Márcia. Depois foi dis-
pondo algumas cartas em silêncio.

Dora observava-a com impaciência.

— Não vejo problemas sérios na sua vida. Tem duas filhas, uma é
adotiva. Ambas são saudáveis, alegres.

Márcia fez uma ligeira pausa e depois de alguns segundos con-
tinuou:

— Mas não se sente bem, tem andado nervosa, insatisfeita, não
dorme como deve ser, não está em paz. O que a preocupa?

— Sinto que o meu marido está a distanciar-se, não gosta de mim
como antes. Tem viajado muito e fica cada vez mais tempo fora. Penso
que tem outra mulher.

Márcia ficou calada durante alguns instantes, tirou algumas cartas,
dispôs-las sobre a mesa e afirmou:

— Está enganada. Ele está muito envolvido com um projeto que
considera de grande importância na sua profissão. Alguma coisa rela-
cionada com leis. O que faz ele?

— É deputado.

— Ele ausenta-se por necessidade, mas não vejo nenhuma outra
mulher na sua vida.

— Tem a certeza?

— Tenho. Se ele se tem demorado mais fora de casa, é porque está
entusiasmado com o trabalho. É um homem minucioso, que gosta
de tudo muito organizado.

— Mas ele não me procura como antes. Fala comigo só sobre as
crianças. Quando está em casa, passa horas no escritório, no meio
de papéis. Quando os amigos vêm, é pior. Eles só conversam sobre os
tais projetos, até parece que eu não existo.

Márcia dispôs mais algumas cartas; depois, olhou nos olhos de
Dora e disse:

— Preste bem atenção ao que lhe vou dizer. Ele só fala sobre as crianças e não partilha consigo os assuntos que o interessam porque você não gosta. Aliás, diz-lhe que detesta o que ele faz.

Dora ia dizer qualquer coisa, mas Márcia não lhe deu tempo e continuou:

— Para ele, os assuntos fúteis não têm a mesma importância que você lhes dá.

— Está a insinuar que sou uma mulher fútil?

— Não foi isso o que eu disse. Mas sei que, para despertar a atenção dele e o manter ao seu lado, lança mão de comentários jocosos sobre pessoas conhecidas, e isso aborrece-o.

— Sim. O que posso fazer? Quando está em casa, ele está sempre a ler, a ver televisão, a telefonar para os amigos, e não me dá atenção. Nessas alturas tento conversar.

— Porque não tenta interessar-se pelos projetos dele? Garanto que lhe daria toda a atenção e teria prazer em trocar ideias consigo.

— Não percebo nada desses assuntos. Quando andava na escola, copiava para passar de ano porque não gosto de estudar. Afinal, para que tenho um marido? Como mulher, ele é quem deveria esforçar-se para me agradar. A família deve sempre estar em primeiro lugar.

— É claro que a família tem um lugar importante na vida dele, mas, além disso, o seu marido mantém outros interesses, que, para ele, também são importantes. Todos os homens dão um grande valor à profissão. Muitas mulheres, quando se casam, deixam de lado todos os outros interesses, deixam as amigas, passam a viver exclusivamente para a família.

— Essa é a função da mulher.

— Mas, para que ela a execute bem, é necessário que seja uma pessoa esclarecida, bem informada, presente e segura nas suas atitudes. E isso só se consegue estudando e desenvolvendo o autoconhecimento. Mesmo que se dedique exclusivamente à família, ela vai exercer várias funções, e, quanto mais preparada for, mais êxito terá.

— Não penso assim. Sei o que é bom para a minha família.

— Nesse caso, não há necessidade de continuarmos.

Márcia juntou as cartas e levantou-se. Dora mordeu os lábios, depois perguntou:

— Quanto lhe devo?

— Nada. Foi um atendimento de cortesia.

Márcia abriu a porta e saíram. Júlia perguntou:

— E então, sentes-te mais calma?

— Sim. Vamos embora.

Despediram-se, e na rua Júlia atirou:

— Saíste com uma cara! Não gostaste?

— Nem um pouco. Ela não percebe nada. Pelo que ela disse, eu sou a culpada por o Fernando estar a evitar-me. Sabes o que ela disse? Que eu deveria estudar os projetos dele para podermos conversar mais. Achas normal?

— Talvez esse fosse um bom caminho.

— Acho que ela é dessas feministas que pensam que a mulher tem de ser independente, estudar, participar na vida profissional do marido. Nunca ouvi maior disparate!

Júlia suspirou preocupada, mas não comentou. Arrependia-se de ter insistido para que Márcia a atendesse fora de horas. Ela respeitava-a muito e sabia que era sempre muito verdadeira no seu trabalho.

Fernando era um homem inteligente, instruído. Dora era o oposto. Essa era a causa do afastamento deles. Infelizmente, Dora não aceitara a verdade. Preferia imaginar que o marido tinha uma amante. Teve receio de que, no futuro, esse casamento não se sustentasse. Naquele momento, prometeu a si mesma não se meter mais no assunto.



Dora chegou a casa insatisfeita e pensativa. Júlia deixou-a à porta e despediu-se. Ela entrou, foi para o quarto da filha, que estava deitada, enquanto Margarida, sentada do lado da cama, lia um livro de histórias.

Vendo-a chegar, calou-se imediatamente, o que provocou um protesto de Luísa:

— Conta mais. Aonde foi o coelho?

— Já conto — respondeu ela, levantando-se e olhando para Dora: — Precisa de alguma coisa?

— Não. Podes continuar.

Voltando-se, Dora foi para o seu quarto. Ela precisava de fazer alguma coisa. Não podia continuar a ver o casamento ir por água abaixo sem fazer nada.

Talvez fosse bom conversar com Rute. Ela tinha sempre ideias práticas e sabia lidar com todos os problemas. Rute era casada com um advogado. O casal costumava ir visitá-los quando o marido estava em casa, e, enquanto eles se entregavam às conversas intermináveis e aborrecidas, as duas entretinham-se a falar das novidades.

Rute não perdia nada do que acontecia à sua volta e tinha sempre assunto, comentava a vida dos conhecidos ou de pessoas famosas. Era com ela que Dora tomava conhecimento de todas as novidades e mais tarde tentava passar para o marido, que não gostava desses assuntos.

Foi para o quarto, olhou o relógio. Era um pouco tarde para ligar, mas mesmo assim pegou no telefone.

Assim que a amiga atendeu, disse:

— Desculpa ligar a esta hora. Mas precisava de falar contigo.

— Aconteceu alguma coisa?

Dora hesitou alguns segundos.

— Ainda não. Mas sinto que as coisas estão a mudar. O Fernando já não para em casa. Está a aumentar cada vez mais as ausências. Já não é tão atencioso como antes. Sinto que preciso de fazer alguma coisa. Não sei o quê. Pensei que talvez pudesses dar-me algumas ideias...

— Ligaste para a pessoa certa. Em matéria de casamento, não podemos facilitar. O mundo está mudado. Hoje as mulheres estão a abusar. Não respeitam se o homem é casado ou se tem um compromisso, parece que esse facto as faz interessar-se mais em conquistá-lo. E, se ele tiver posição social, dinheiro, é pior ainda. Eu não facilito a vida do Geraldo.

— Desconfio que o Fernando tem uma amante.

— É fácil descobrir. Conheço um detetive ótimo. Se quiseres, podemos ir conversar com ele amanhã mesmo.

— Ele é mesmo bom?

— Muito bom. E de confiança. Discreto, sabe guardar segredo.

— Não quero que o Fernando desconfie. Havia de ficar muito zangado.

— Não te preocupes. Ele nunca saberá. Nós podemos ir e saber a verdade. Mas é um risco. Deves estar preparada para o que vais descobrir. Já viste se for verdade?

Dora suspirou angustiada, mas respondeu:

— Prefiro saber mesmo que seja para sofrer. Tudo é melhor do que ficar de braços cruzados enquanto a minha vida se desmorona.

— Está bem. Amanhã bem cedo telefono-lhe para marcar um encontro. Quando queres ir?

— Amanhã mesmo.

— Vamos ver se consigo. Vamos saber a verdade. Assim que conseguir uma reunião, volto a ligar-te.

Despediram-se. Dora desligou a sentir-se mais angustiada. Aquela noite ia custar a passar. Respirou fundo e foi à casa de banho, disposta a tomar um banho e relaxar. Encheu a banheira, pôs na água sais perfumados e estendeu-se dentro dela, sentindo o prazer da água quente e perfumada a envolver o seu corpo.



Depois de Dora deixar o quarto, Margarida continuou a ler até que Luísa adormeceu. Levantou-se, procurando não fazer ruído, e preparou-se para dormir.

Durante o dia ela não se tinha sentido muito bem. Sentira um aperto no peito, como se alguma coisa má fosse acontecer. Lembrou-se do pai. Sempre que ela sentia medo, ele abraçava-a, rezava, e ela sentia-se segura e calma.

Mário ensinara-a a conversar com Deus, garantindo-lhe que Ele a ouviria.

— Mas, pai, Ele está tão longe. Eu sou pequena. Como vai Ele ouvir-me?

— Ele não vai ouvir a tua voz, mas o teu coração. Para conversar com Ele, precisas de imaginar que está dentro do teu coração, e Ele vai ouvir os teus sentimentos. E vai responder.

— Vou ouvir a resposta d'Ele?

— Não vais ouvir palavras, mas vais sentir que Ele está perto e, com essa presença, todo o mal se irá embora, e ficarás bem.

Margarida sentiu uma saudade imensa do pai. Nunca alguém lhe dera tanto amor como ele. Ajoelhou-se ao lado da cama e pediu a Deus que o abençoasse e lhe dissesse o quanto ela o amava e sentia saudades.

Um brando calor envolveu-a, e a angústia desapareceu. Então ela deitou-se e logo adormeceu.

Sonhou que estava a caminhar por um jardim florido, sentia um perfume agradável, suave, que a fez aspirar com prazer o ar leve que circulava à sua volta.

Alguém a segurava pela mão, e ela não conseguia ver quem era, mas o prazer do momento fazia-a olhar em redor com alegria. Ao aproximar-se de um banco, reconheceu o seu pai, sentado. Abriu os braços, ele levantou-se e abraçou-a com amor.

Margarida sentia o peito dilatar-se de prazer e alegria.

— Pai! Quero ficar aqui contigo!

— Anda, querida. Vamos conversar. Senta-te aqui, ao meu lado. Ele acomodou-a e segurou na mão dela com carinho.

— Pai, isto aqui é tão bom! Já não quero voltar.

— Ainda não é hora. Ainda tens muito que fazer no mundo.

— Sinto muitas saudades de ti!

— Eu sei. Mas a nossa separação é temporária. Tudo é assim na vida. Há momentos de estar juntos e momentos em que cada um precisa de cuidar de outras coisas. O mais importante é aproveitar a

oportunidade que a vida nos dá de desenvolver as nossas qualidades e aprender a lidar com os nossos sentimentos.

— Eu sei disso, pai. Mas há momentos em que me sinto tão sozinha!

— Não estás só. Eu e a tua mãe estamos ligados a ti. Os laços do amor unem-nos.

— Porque é que nunca a vejo?

— Ainda está em tratamento. Se pudesse, viria comigo.

— Gostaria tanto de ver o rosto dela

Mário alisou a cabeça da filha com carinho:

— Sê paciente, minha filha. Para já não é possível! Mas tens a Luísa, que te ama muito e te faz companhia.

— Eu também a amo, mas ela tem os pais. Se eu não voltasse, ela ficaria muito bem com eles.

— Se continuares a insistir em ficar aqui comigo, já não poderei vir ver-te.

— Porquê?

— Porque Deus permite que eu te visite para que te sintas feliz. Mas, se a minha presença te deixa triste e com vontade de voltar para cá antes da hora, deixarei de poder vir.

Margarida segurou a mão dele com força e pediu:

— Isso não, pai!

— Vivemos em mundos diferentes. Eu preciso de viver aqui, mas tu deves ficar aí. Um dia essa distância vai desaparecer, e ficaremos juntos de novo. No entanto, por ora, não é possível.

— Eu percebo, não voltarei a pedir para voltar.

Mário beijou levemente a testa da filha com carinho.

— O amor divino está dentro de nós a cuidar do nosso bem-estar. Estamos todos seguros nos braços de Deus. Quando sentes medo, estás a duvidar desse poder e a apagar a sua luz. Quem fica no escuro só atrai coisas más.

— É que, quando a D.^a Dora fica nervosa, sinto medo. Parece que alguma coisa má vai acontecer.

— Preferias que ela estivesse sempre bem. Mas isso é impossível. Os desafios estão sempre presentes nas nossas vidas e aparecem de acordo com as nossas necessidades. Ela vai ter de resolver os próprios problemas e aprender com eles. É a vida!

— Eu queria que todos fossem felizes!

— Essa é uma ilusão perigosa. Não sabes o que vai dentro da alma dela nem de ninguém. Não deves assumir problemas que não te pertencem. Quando a vires infeliz, a única coisa que podes fazer é envolvê-la com luz, pensamentos de paz.

— Isso vai ajudá-la?

— Sim. Mas antes precisas de expulsar o medo, serenar a tua alma, sentir a certeza de que Deus está a cuidar de tudo. Só quando sentires que estás bem terás energias capazes de a ajudar.

— Pai, como vou ter tanta certeza de que Deus está mesmo a cuidar de tudo?

Mário abraçou-a com carinho e explicou:

— É fácil. Já viste como a vida é perfeita? Já notaste como ela nos dá tudo aquilo de que precisamos para viver? O ar que respiramos, o corpo que vestimos no mundo, a lua, o sol, o mar, as estrelas, as flores, os pássaros, os animais, a beleza. Ela cuidou de ti enquanto dormias dentro do ventre da tua mãe e, quando estavas pronta, trouxe-te para os meus braços. Ainda duvidas da bondade do Criador?

— É verdade, pai! Não tinha pensado nisso.

— Há ainda muitas coisas que não observaste, que contribuem para que possas viver nesse mundo e aprender o que ele tem para dar. Não sejas ingrata, minha filha. Valoriza o teu corpo e a tua vida. Ela foi-te dada com muito amor. É importante que aprendas o quanto a vida é preciosa!

— Estou a ver, pai.

— Agora tenho de ir. Pensa no que te disse. Aconteça o que acontecer, não tenhas medo. Confia na vida. Liga-te a Deus, glorifica a vida, cultiva a alegria. Ela dar-te-á tudo quanto precisas para ficares bem e teres sucesso.

Depois de depositar mais um beijo na testa de Margarida, Mário desapareceu. A mesma pessoa que a conduzira segurou na sua mão e começaram a deslizar por sobre a cidade adormecida.

Margarida sentia-se leve, alegre, feliz! A certeza de que não estava só, de que havia uma força superior que cuidava de tudo, fazia-a sentir-se radiante.

Acordou de seguida, sentindo um grande bem-estar. O medo, a angústia e a tristeza haviam desaparecido.

O dia começava a amanhecer, e ela deixou-se ficar deitada, recordando as palavras do pai. Sentiu que ele estava certo. Ela envolvera-se com os problemas de Dora e ficara tão doente quanto ela. Como é que poderia fazer algum bem a ela se estava igual?

Dali para a frente, tudo faria para manter o próprio bem-estar, porque só assim poderia ajudar toda a gente como gostaria.

Começou a pensar em todas as coisas que a vida lhe dera e teve de reconhecer o quanto estava a ser protegida. Deus levava-lhe a mãe, mas deixara o pai e, quando ele teve de se ir embora, pôs do seu lado pessoas que cuidaram dela com carinho até à altura de uma nova família a acolher.

Dera-lhe a ternura de Luísa, que a ensinara a amar de maneira incondicional. Muitas vezes, enquanto a embalava, fazia-o como se ela fosse sua própria filha.

Margarida reconheceu que só tinha a agradecer a vida por tudo quanto lhe dera. Satisfeita, acomodou-se melhor e voltou a adormecer.



«Por mais difícil que seja uma situação, o amor tudo resolve. Essa é a maior conquista do espírito, um aliado fundamental para crescer em todas as áreas da vida. Uns mais, outros menos, todos desenvolvemos a nossa forma de amar.»

Zibia Gasparetto

Dora e Fernando tentam ter filhos há vários anos. Insucessos contínuos levam Dora a fazer uma promessa: se conseguir engravidar, também adotará uma criança. Quando o casal é finalmente abençoado com o nascimento da filha Luiza, adota a pequena Margarida, que desde cedo revela ter dotes de médium.

Com o passar do tempo, a insegura Dora começa a desconfiar de uma possível traição do marido. Fernando é um deputado que viaja com muita frequência e que parece estar cada vez mais distante da sua mulher. Envoltos por dúvidas, medo e angústia, Dora acaba por se deixar influenciar pelo espírito de Mila, que fora amada por Fernando noutra encarnação, e que procura agora vingar-se por ter sido esquecida.

A jovem Margarida é a única que consegue ver Mila. Cabe-lhe por isso combater as dificuldades que ela traz à família. Nesta tarefa é auxiliada por outros espíritos e pessoas, determinados em ajudar a angustiada família a enfrentar as adversidades, para que possa viver em paz e harmonia.



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.

 **nascente**
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-239-2



9 789896 682392 >

www.nascente.pt

